



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE GEOGRAFIA**

FRANCISCA JOHANNA ALVES DOS SANTOS

**O USO DE DESENHOS DE TRAJETO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DA CATEGORIA GEOGRÁFICA LUGAR NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE -
PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE
2017**

FRANCISCA JOHANNA ALVES DOS SANTOS

**O USO DE DESENHOS DE TRAJETO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DA CATEGORIA GEOGRÁFICA LUGAR NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE -
PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Valéria Raquel Porto de Lima.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237u Santos, Francisca Johanna Alves dos.

O uso de desenhos de trajeto como recurso didático para o ensino da categoria geográfica lugar no 6º ano do ensino fundamental em uma escola no município de Campina Grande - Paraíba [manuscrito] : / Francisca Johanna Alves dos Santos. - 2017.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Valéria Raquel Porto de Lima, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Mapas mentais. 2. Recurso didático. 3. Ensino fundamental. 4. Ensino de geografia.

21. ed. CDD 372.89

FRANCISCA JOHANNA ALVES DOS SANTOS

O USO DE DESENHOS DE TRAJETO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO
DA CATEGORIA GEOGRAFICA LUGAR PARA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE -
PARAÍBA

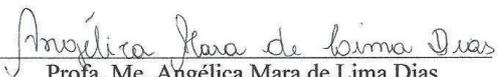
Artigo apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

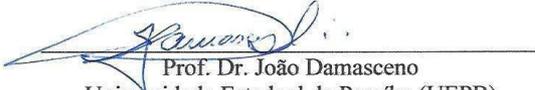
Área de concentração: Geografia.

Aprovada em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Valéria Raquel Porto de Lima. (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Me. Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Damasceno
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha tia **Vanda Lucia**, pelo suporte, generosidade e carinho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, coragem e força de vontade, pois sem ele eu não seria nada.

À professora Valéria Raquel pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por ter me estendido à mão quando mais precisei.

Ao meu pai João Bosco e minha mãe Leoni, por ter me dado à vida.

As minhas avós Eunice e Ana (*in memoriam*), embora fisicamente ausentes, estavam presentes nos meus pensamentos, dando-me força.

Aos meus tios Vanda Lucia e Robério, e meu primo Matheus Albino, por terem me acolhido no seio da sua família e por darem amor suficiente para que eu pudesse ser o que sou hoje.

Aos meus tios Demontiê e Clécia, por estarem sempre presentes na minha vida.

A toda a minha família Santos, em especial aos meus primos Michaelle e Júnior, por ajudarem a tornar esse sonho possível.

As minhas irmãs e irmãos, por cada palavra amiga.

Ao meu namorado Leandro Andrade por está presente (mesmo distante) nesse momento tão importante da minha vida

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, João Damasceno, Margarida, Hermes, Hélio, Arthur, Faustino e Marília, que contribuíram ao longo dessa jornada, por meio das disciplinas e debates, que me fizeram ter conhecimentos específicos de nossa área.

Aos poucos e verdadeiros colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“O tempo somente é porque algo acontece, e onde algo acontece o tempo está.”

Milton Santos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O CONCEITO DE LUGAR E SUAS PERSPECTIVAS DE ANALISE NA GEOGRAFIA	09
2.1	A importância dos recursos didáticos para o ensino de geografia	12
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3.1	Local da pesquisa.....	16
3.2	Uso dos mapas mentais.....	17
4	RESULTADOS E REFLEXÕES	17
4.1	Análises dos mapas mentais.....	17
4.2	Algumas reflexões – mapa mental/ lugar.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	ABSTRACT.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28
	APÊNDICE	30

O USO DE DESENHOS DE TRAJETO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA CATEGORIA GEOGRÁFICA LUGAR NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE- PARAÍBA

Francisca Johanna Alves dos Santos*

RESUMO

Este estudo busca apresentar a representação espacial para a compreensão categoria de lugar para o desenvolvimento das habilidades espaciais adquiridas pelos alunos, durante as séries finais no ensino fundamental, a fim de contribuir para que eles relacionem a geografia aos fenômenos observados em seu cotidiano. Nesta perspectiva, o artigo tem por objetivo apresentar e discutir a utilização dos Mapas Mentais para o ensino da Geografia na categoria geográfica lugar, com alunos do 6º ano do fundamental II da Escola Arco-Íris do Saber localizada em Campina Grande. A pesquisa está fundamentada em debates teóricos para compreender como os estudiosos analisam o uso dos mapas mentais e sua relação com o lugar. A metodologia utilizada consistiu da aplicação de mapa mental para identificar o caminho percorrido entre a escola e casa, a fim de reconhecer os símbolos e o sentimento de pertencimento com o lugar de vivência, e questionários para melhor interpretar os mapas mentais. Os resultados alcançados foram satisfatórios, pois demonstra que este recurso didático foi eficiente para o estudo do lugar enquanto categoria de análise. A percepção e a interpretação dos alunos, demonstrou a organização de pensamentos e a apreensão dos elementos da paisagem como conhecimento do espaço vivido. Constatou-se que o uso desse recurso didático se fez necessário, pois, os alunos utilizaram o senso comum para a construção do conhecimento no saber científico. Assim o mapa mental no ensino da geografia torna-se favorável, pois esse se faz a partir da realidade observada.

Palavras-Chave: Mapas mentais; Lugar; Recurso didático.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia escolar, ao longo da sua estruturação, passou por diversas fases indo de uma Geografia Tradicional, com destaque para a Geografia “Clássica e para a Geografia Moderna” (ROCHA *apud* PINA, 1996) sendo trabalhadas a Pedagogia Tradicional como também a Escola Nova, essa última fazia abordagens críticas.

Enquanto disciplina escolar, a Geografia está institucionalizada no Brasil desde o início do século XIX (VESENTINI *apud* PINA, 2004), e vem se estruturando enquanto disciplina escolar. Os alunos possuem um contato com a geografia nas séries iniciais do 1º ao 5º ano do fundamental I, mas esse contato se aproxima nas séries seguintes do 6º ao 9º ano do

* Aluno de Graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: johannaalvessilva@hotmail.com

fundamental II, com um professor específico para essa disciplina, podendo assim fazer com que esses alunos possam pensar as diversas temáticas relacionadas a disciplina de geografia, buscando uma reflexão crítica acerca do meio em que estão inseridos e da sociedade.

Os estudos da educação base no 1º ao 3º ano do ensino médio sabem do potencial que a geografia é capaz, e podem relacionar com as praticas humanas e as atividades da natureza, são aspectos fundamentais da ciência geográfica. Nesse sentido o professor é um sujeito fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem.

Para o processo de ensino e aprendizagem, as práticas pedagógicas em sala de aula devem ser dinâmicas e propositivas, contudo alguns professores ainda trabalham propostas pedagógicas tradicionais, fazendo a geografia uma disciplina enfadonha para os alunos.

O compromisso do professor com a prática educacional faz com que ele busque na diversidade de recursos disponíveis, um apoio nesse processo da aprendizagem e do conhecimento construído. O uso planejado de aulas ilustradas com mapas, globo terrestre, gravuras, cartazes, são suportes para as aulas se tornarem menos cansativas e como não se pode deixar de descartar, o livro didático é um recurso de apoio para o docente ministrar suas aulas.

Formação e competência são alguns requisitos para que o professor possa utilizar os recursos didáticos disponíveis na realidade escolar, sendo capaz de construir junto com seus alunos conceito de várias categorias geográficas, como exemplo da categoria lugar, escolhida para a análise das práticas escolares na pesquisa.

“Uma das mais antigas definições de lugar foi apresentada por Aristóteles na sua obra intitulada Física. Para ele o lugar seria o limite que circunda o corpo” (RODRIGUES, 2014).

O lugar é visto como o lócus do sujeito que constrói ao mesmo tempo em que constitui a si mesmo se relacionando com o mundo e com a coletividade social (RODRIGUES, 2015).

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir a utilização dos Mapas Mentais, como apoio didático pedagógico da categoria geográfica lugar, para alunos do 6º ano do fundamental II da Escola Arco-Íris do Saber.

As memórias espaciais que as pessoas possuem de lugares conhecidos, são representações que se tem das memórias afetivas do espaço vivido no cotidiano, e/ou de algo já viveram. Os mapas mentais são utilizados como procedimento metodológico para compreender e interpretar o lugar. Fazer os alunos se questionarem sobre a realidade em que estão inseridos é um desafio do professor, mas foi pensando nesse aspecto de como conseguir que esses alunos pudessem entender o lugar como o meio em que estão inseridos que a temática foi escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa.

As representações dos mapas mentais são construídas inicialmente pela percepção dos lugares vividos, ou seja, experimentados, portanto fazem parte de uma dada realidade do indivíduo.

2- O CONCEITO DE LUGAR E SUAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE NA GEOGRAFIA

Inicialmente a interpretação do lugar, na geografia, se vê diretamente ligada ao seu próprio significado como palavra, que designa “área, terra, sitio, povoação, vila, região país”, havendo assim, uma multiplicidade de vocabulários que podem expressar o mesmo sentido da palavra lugar. Todavia, na geografia, esse sentido de lugar depende exclusivamente da interpretação dada pelas diferentes correntes teóricas. Rodrigues (2015) destaca ainda que é preciso considerar que elas advêm de momentos históricos e de bases filosóficas distintas correspondentes aos modos dos homens se relacionarem entre si e com o meio em que vivem.

Uma ciência descritiva, comparativa, sintética e mnemônica, tendo como principal propósito a relação homem- natureza, assim era vista tradicionalmente a geografia. Na Geografia Clássica, os conceitos privilegiados eram de paisagem e região (RODRIGUES *apud* CORREA, 2012).

Ao passar do tempo, a geografia como disciplina foi se transformando e os estudiosos não apenas centravam suas análises nas diferenciações dos lugares e na relação homem/natureza, eles se permitiram discutir também a relação tão complexa homem/sociedade. Rodrigues comenta ainda que:

apesar dos desdobramentos da Geografia Clássica sugerir uma complexidade dos estudos locais, Holzer (2012) recorda que um dos primeiros autores a se afastar do sentido apenas locacional do lugar, propondo uma nova abordagem para Geografia, é Lukermann ao enfatizar que a “tarefa da Geografia não é mais apenas inventariar o conteúdo das áreas, mas analisar o modo de ver o mundo das pessoas que ali se encontram”. Desse modo o conceito de lugar proposto pelo autor, segundo Holzer, começa a se aproximar do conceito de mundo, enunciado pelos fenomenólogos.

Foi a partir da década de 1970, que o interesse pelo lugar se concretiza na geografia de forma mais significativa com a presença da corrente humanista e crítica. Esses dois momentos, embora com posturas teóricas metodológicas diferentes, têm em comum o método positivista, pois fazem uma crítica aberta à ciência lógica, excessivamente preocupada com o objetivismo, deixava de lado os aspectos sociais para se fundamentar em conceitos baseados na matemática e estatística.

A geografia humanista fundamenta-se nas filosofias do significado, principalmente na fenomenologia e no existencialismo, tentando assim obter uma renovação do seu conceito, da sua teoria e da metodologia aplicada a essa corrente geográfica. Fazendo com isso, de modo que a categoria ascende à condição de peça chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego pelo lugar (RODRIGUES, 2015).

Quando a identidade urbana de um lugar é resgatada, se tem uma interiorização no espaço particularmente vivido, sentido, percebido, desvenda-se então espaços de linguagens, sonhos, imagens. E a tendência é nos depararmos com um lugar de acontecimentos culturais e cenário de vivências, no qual o homem é o sujeito principal.

O lugar é o local onde se tem intimidade e onde se faz a vivência com as outras partes do espaço geográfico, portanto cada vez mais é importante que se aprenda a identificar e entender esse lugar.

Para Tuan (1982) uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências ancestrais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública. Dessa forma a percepção que o autor tem do lugar atua na formação do sujeito, bem como em sua visão de mundo e o modo como nele se posiciona.

As representações da vida cotidiana, os valores, as representações pessoais, as coisas, estão no lugar, como também as representações do imaginário permitem estabelecer relações entre o modo como cada um vê o seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem.

Assim o modo como o sujeito ver a sua relação espacial, o lugar não é toda e qualquer localidade, mas sim aquela na qual se tem uma significância afetiva para essa pessoa ou a um grupo. Para Tuan *apud* Fernandes (1983), o espaço familiar torna-se lugar, “o espaço é abstrato e o lugar é concreto” em virtude de mantermos nossas relações nos lugares. Mas ele também afirma que uma pessoa pode ter vivido durante toda a vida em um determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal e sem enraizamento.

Segundo Sampaio *apud* Nogueira (2002), o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos.

[...] a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Como bem salientou Eric Dardel “para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença” [...] Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (SAMPAIO *apud* NOGUEIRA, 2002).

Sendo assim os lugares tem a sua importância pessoal e não mudam com o passar dos anos (Tuan, 202), pois as pessoas muitas vezes estão e são satisfeitas com sua percepção do seu lugar, como um laço mais afetivo. Tuan ainda completa:

(...) A família vai para Brighton todo verão. Com o passar do tempo, a sensação de lugar se estende além das localidades individuais para uma região definida por essas localidades. A região, compreendida pelo lar, escritório e praia, torna-se por si mesma um lugar, embora não tenha limites visíveis. (TUAN, 202)

O que torna o lugar mais interessante ainda é que se pode ter um tipo de afinidade com o mesmo sem ao menos termos vivenciado esse local, mas o que os nossos olhos veem em uma tv, jornal nos faz sentirnos parte desse lugar. É o que o autor Tuan menciona em sua obra tempo e lugar.

[...] Uma experiência breve mais intensa é capaz de anular o passado, de modo que estamos dispostos a abandonar o lar pela terra prometida. Ainda mais curioso é o fato de que as pessoas podem desenvolver uma paixão por um certo tipo de meio ambiente sem terem tido um contato direto com ele. (TUAN, 204).

Quando paramos para pensar no lugar como um todo, percebemos que ele o lugar é algo que está em constante mudança, pois o mundo em que vivemos vivencia essas mudanças ao longo do processo de construção da humanidade. Daí, a necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido. Tuan analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar, e salienta como o homem vive a experiência e entende o mundo. Para ele, lugar é segurança, é também a liberdade que se sente quando se apega ao lugar (OLIVEIRA, *apud* TUAN). Para Sampaio Nogueira (2002), o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos.

[...] a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Como bem salientou Eric Dardel “para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença” [...] Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (NOGUEIRA, 2002).

Assim, pode-se concluir que os diferentes pontos de vistas citados até aqui por alguns estudiosos da categoria lugar na Geografia. O Mapa Mental surge como um instrumento

indispensável a ser utilizado pelos professores de geografia a fim que sejam compreendidos os lugares, uma vez que, através dessas representações, compreende-se o lugar das experiências e das vivências, sendo esse o foco da nossa pesquisa para que os alunos possam compreender e se familiarizar com o lugar em que estão inseridos na sociedade.

2.1 A importância dos recursos didáticos para o ensino de geografia

Ensinar Geografia se faz necessária a articulação de uma série de componentes próprios da disciplina, como por exemplo, os conteúdos, recursos, metodologias, como também aspectos sociais e políticos inseridos nos ambientes escolares.

Neto e Dias (2011) esclarecem que para trabalhar na perspectiva de uma aprendizagem significativa, o professor deve sempre considerar os saberes prévios dos alunos, como também ter o papel de interpretar e contextualizar os conteúdos estudados.

Faz-se necessário que a proposta seja a valorização das representações e os esquemas de conhecimento que cada aluno possui. Zabala (1998) é citado pelos autores e esclarece como se produzem os processos dessa aprendizagem significativa.

Nesta explicação, pressupõe-se que nossa estrutura cognitiva está configurada por uma rede de esquemas de conhecimento. Estes esquemas se definem como as representações que uma pessoa possui, num momento dado de sua existência, sobre algum objeto de conhecimento. Ao longo da vida, estes esquemas são revisados, modificados, tornam-se mais complexos e adaptados à realidade, mais ricos em relações. A natureza dos esquemas de conhecimento de um aluno depende de seu nível de desenvolvimento e dos conhecimentos prévios que pôde construir; a situação de aprendizagem pode ser concebida como um processo de comparação de esquemas de conhecimento sobre os conteúdos escolares. (ZABALA *apud* NETO E DIAS, 1998).

Nogueira (2002) explica que “a Geografia poderia, antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar”. Esse é o contexto que se coloca para o aluno a compreensão do seu lugar de vivência.

No ensino dessa disciplina proporciona conceitos que contribuem de forma significativa para o desenvolvimento do aluno não só como indivíduo no seu meio ambiente, mas também como cidadão em seu meio social. As aulas de geografia possibilitam que os alunos desenvolvam tanto os aspectos físicos quanto os sociais.

A geografia utiliza práticas didáticas que são importantes para que a absorção do aluno seja mais eficaz e assim diminuir o efeito de como é vista por muitos de ciência meramente mnemônica. Podendo ser utilizada a transposição didática.

“A ideia de transposição didática foi estabelecida inicialmente pelo sociólogo Michel Verret, em meados da década de 1970, sendo desenvolvida com maior propriedade, nos anos seguintes, pelo matemático Yves Chevallard” (BOLIGIAN, 2003).

Boligian (2003) afirma ainda que em seus estudos, “Chevallard fundamentou a transposição didática como um modelo de interpretação teórica das relações que se estabelecem entre a ciência e o ensino”. Continuando com o mesmo pensamento de Boligian “Um fator importante da transposição didática é o de verificar como a ciência está vinculada ao ensino. Então ela não olha só para o ensino ou só para a ciência, mas exatamente para o relacionamento de ambos.”

A mudança que o ensino de geografia promove não se deve somente ao professor, mas sim uma parceria escola – família, pois quando se consegue esse trabalhar esse elo, a aprendizagem dos alunos é bem mais satisfatória, e é no cotidiano (na sua casa, no seu quintal, no seu bairro, etc.) que eles começam a formar seus próprios conceitos sobre o meio que os cerca (o seu meio ambiente).

Com tudo isso adaptando a escola pra ser parte da sociedade e vice-versa a transposição didática passou a ser utilizada como instrumento de análise e pesquisas na área da didática das disciplinas escolares, não apenas na geografia.

Na transposição do conhecimento o livro didático surge como fonte e instrumento para a aula, tem sua importância de forma que a sociedade, o espaço geográfico é posto nele para os alunos perceberem as relações que o ser humano tem com a natureza. Não se pode descartá-lo, como também ele não pode ser fonte única para o conhecimento, ainda mais que nos dias atuais surgem diversas fontes tecnológicas, que podem ser um atrativo a mais para chamar a atenção dos alunos, entretanto o livro didático é usado para trabalhar as estratégias metodológicas, leituras, resumos fazer interpretação de textos entre outros. Isto significa que não podemos descartar o livro didático, pois, é também um recurso de grande valia, capaz de construir o conhecimento dos alunos.

Existem muitas formas de se utilizar os recursos didáticos em sala de aula, como por exemplo, o uso de maquetes, mapas, cartazes, televisão, data show, entre outros, mas também sabemos que nem todos esses recursos citados e outros além destes estão disponíveis ao professor para que ele possa trabalhar de forma mais interessante e fazer com que os alunos se interessem pela geografia e que ela não passe somente uma ciência meramente mnemônica.

Essa pesquisa é principalmente pautada no uso do mapa mental, para que possamos conhecer mais a fundo a categoria de lugar. Retratamos a realidade local da escola na qual a pesquisa foi desenvolvida. No sentido de tornar o ensino de Geografia mais próximo,

democrático e justo com a leitura de mundo do indivíduo, o mapa mental surge como importante ferramenta metodológica e assume um caráter diagnóstico, avaliativo e lúdico, a fim de tornar o ensino de Geografia mais significativo para o educando.

Neto e Dias (2011) destacam que o surgimento dos mapas mentais está relacionado ao movimento de renovação da ciência geográfica, tendo como corrente a Geografia Humanista e da Percepção, corrente esta, que lança as bases teórico-metodológicas para a elaboração de tais estudos, valorizando assim o ser humano quanto produtor de cultura capaz de atribuir significados e valores aos objetos apreendidos.

Quando se trabalha a cartografia escolar em sala de aula se tem uma importância no processo de ensino-aprendizagem, pois seu uso é de suma importância na formação dos sujeitos, pois possibilita cada vez mais compreender fenômenos geográficos a partir de suas representações no espaço geográfico.

“O mapa é uma representação codificada de um espaço real, posto ser importante na geografia para o conhecimento do espaço, e conseqüentemente, de sua organização (FERREIRA, 2014)”. Este é usado por qualquer pessoa, desde os que não tem uma aprendizagem mais específica até os profissionais com um grau mais avançado de estudo. A utilização do mapa pelos homens das cavernas para expressar seus deslocamentos, registrar as informações quanto às possibilidades de caça, problemas de terreno, matas, rios, etc.” (FERREIRA *apud* ALMEIDA, PASSINE, 2016). O objetivo principal era auxiliar na sobrevivência, não se tinha essa precisão dos que usamos hoje em dia.

A construção e a leitura dos mapas em diferentes propostas e perspectivas nos dá a possibilidade do reconhecimento do espaço para muito além de estruturas ou concepções, ampliando-se assim, a leitura espacial que os indivíduos tem sobre o território que ocupam.

Lima analisa da seguinte forma:

Ao analisar os mapas mentais, é preciso, portanto, não pensar neles como meros desenhos sem sentido, e focar na intenção do que se quis representar, como aponta KOZEL (2007). Ou como Tuan que ensina contemplar uma obra de arte: “é importante o conhecimento da história crítica, porque mantém presa a atenção na obra, enquanto os sentidos se recuperam” (TUAN, 1980). Assim procedemos à leitura dos mapas mentais, como se o entrevistado fosse um artista que imagina sua vida e relembra fatos que podem ser registrados naquele desenho. Alia-se a isso o interesse científico e as reflexões teóricas, para se chegar a uma análise final.

E continua a dizer que os mapas mentais têm várias funções e podem ser utilizados para que se faça a compreensão necessária

Eles nos preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; tornam possível ensaiar o comportamento espacial da mente; são

dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas ou coisas, eles nos ajudam, a saber, a sua localização; como são mapas reais, mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimento; eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas. (SEEMANN, apud TUAN, 2003).

Pode-se assim revelar o cotidiano das pessoas de um lugar por meio dos desenhos, da sua análise, das vivências, intenções e ações.

Lopes e Richter (2013/2014) mencionam os apontamentos de Kozel (2007) que são relevantes para o entendimento do mapa mental,

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (KOZEL *apud* LOPES, RICHTER, 2007).

Assim, o mapa mental se faz necessário como um recurso didático no processo ensino aprendizagem da geografia, tendo em vista, que sua construção vai exigir do aluno uma leitura do mundo integrada com os conhecimentos ensinados na sala de aula.

Os mapas mentais podem mostrar muito do que indivíduos pensam das suas opiniões e do seu grau de conhecimento e experiência. Sua confecção e análise podem ajudar na melhoria da qualidade de vida e nas ações futuras, no caso de um bairro, ou uma cidade, por exemplo, aliando essas representações com entrevistas (MICRUTE e KASHIWAGI (2014).

Micrute e Kashiwagi (2014) *apud* Kozel (2001) o uso de mapas mentais surgiu da busca da Psicologia Social em compreender as representações cognitivas do indivíduo.

Entendemos que identificar, interpretar e compreender os fenômenos do mundo vivido exige do observador muito mais que uma descrição de uma evidência – imediata, mas o transcender do olhar sobre as coisas visualizando muito além do que sua visão permite (KASHIWAGI, 2010).

Então para que possamos como professores repassar a leitura do espaço, do lugar e das vivências para os alunos, faz-se necessário que essa pesquisa seja mais um aporte teórico, facilitando a forma de leitura do estudante como ser pensante que é, e que possa interagir com os colegas sobre as formas que cada um entende o seu lugar.

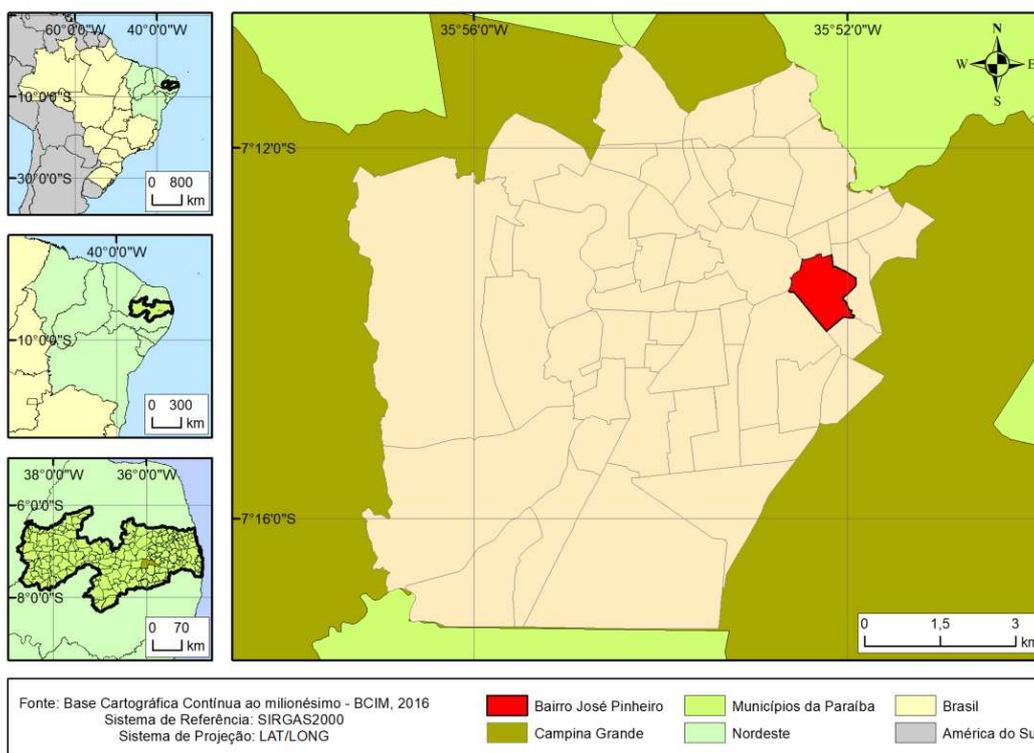
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Local da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois constituiu-se de significados intrínsecos dos indivíduos sobre o lugar.

A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2017, na Escola Arco-Íris do Saber, situada na Rua Antônio Bernadino de Sena, nº226, bairro José Pinheiro – Campina Grande (Figura 1). A escola Arco-Íris do Saber dispõe de ensino infantil e fundamental I e II.

Figura 1- Mapa da localização da escola Arco-Íris do Saber



As práticas foram realizadas nas duas turmas do 6º ano, “A” e “B” do período da manhã. Os alunos participantes estão na faixa etária de 11 anos e uma parte bem considerável mora no mesmo bairro em que a escola está inserida, apenas 2 alunos não tem residência no mesmo bairro, mas mantêm um contato com símbolos, pois já moraram neste mesmo bairro.

3.2 Uso dos mapas mentais

Inicialmente as turmas tiveram quatro aulas expositivas, (sendo uma por semana) com o objetivo de revisar os conteúdos estudados no início do ano sobre a categoria Lugar. Muitos recordavam o conteúdo ministrado, por isso o processo de revisão da temática foi proveitoso e mais rápido, para os que não lembravam foi revisado e por conseguinte a pesquisa fluiu.

Em seguida os alunos responderam um questionário semiestruturado com quatro perguntas envolvendo: um lugar preferido na casa, um lugar na cidade, um lugar onde não gostam de ir e um lugar que sonham conhecer (Apêndice). À medida que eles iam respondendo, mencionava-se a próxima pergunta, até chegarem à última. Ao final dessa atividade os alunos tiveram a oportunidade de partilhar o que sentiram e para onde foram em suas lembranças.

Na aula seguinte foi pedido para os alunos que lembrassem o percurso que faziam da casa pra escola. Para cada aluno foi entregue uma folha de papel ofício A4, então foi solicitado que cada aluno expressasse em desenho no papel o trajeto casa - escola, colocando os pontos que a memória permitisse que lembrassem.

A atividade teve como objetivo “reconhecer” o caminho percorrido pelos alunos de casa para a escola, utilizando-se a aplicação de mapas mentais para representarem esse trajeto para chegar à escola e identificar se os mesmos possuíam sentimento de pertencimento com o espaço vivido.

Ao final da confecção dos mapas mentais, os alunos puderam comparar o seu mapa com os dos colegas e fazer uma análise dos pontos de referências.

4 - RESULTADOS E REFLEXÕES

4.1- Análises dos mapas mentais

A geografia humanista possui alguns aspectos subjetivos, como sentimentos, percepção e representação espacial, nesse sentido os mapas mentais são o aporte metodológico adequado, pois são capazes de materializar tais subjetividades. São passíveis de interpretação, expondo mundos pessoais que representam os aspectos do lugar.

Como resultado das análises dos questionários apresentados pelos alunos pode-se identificar que 70% citam que o quarto é o preferido lugar na casa, 72,5% sobre um lugar na cidade responderam o shopping, 50% responderam que o cemitério seria o local que não gostam de ir sobre e 37,5% sobre um lugar que sonham em conhecer responderam a Disney. Esses resultados serviram como suporte para continuar a pesquisa e entender como cada aluno interpreta o pertencimento do lugar.

Seguindo o passo a passo, foram escolhidos 8 mapas mentais entre a totalidade de 40 mapas realizados, sendo (21 do 6º ano A e 19 do 6º ano B) todos na mesma perspectiva de trajeto casa – escola. Os mesmos podem ser observados através das imagens e acompanhados nas descrições a seguir.

Na figura 2, são destacados elementos da paisagem construída como estabelecimentos comerciais, asfalto, carro e também a rua de calçamento, a rua esta onde esta localizada a escola. A representação mostra um convívio próximo da realidade escolar, pois o aluno 1 (6º B, 11 anos) que elaborou a figura 2 reside a poucos metros da escola.

É retratada também uma casa duplex onde conversando com aluna, ela explica que em baixo é uma loja de roupa e acima ela destacou como “avô de Gustavo”, essa intimidade se dá porque Gustavo é seu colega de sala. É um mapa cheio de significados que ajudam na localização e orientação para se deslocar no espaço. [...] como um resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar[...] (TUAN, 1983)

Figura 2- Mapa mental produzido pelo aluno 1 do 6º ano B



Fonte : Dados da pesquisa

Na figura 3, o aluno 2 (6ºB) destaca sua casa pintada de amarelo e azul e a escola de vermelho e amarelo, como ela também mora nas proximidades da escola, pouco foram os signos encontrados no mapa, mas ela destacou “dentista, padaria, mercado e loja”. Portanto

para se conhecer o lugar é necessário que se faça as observações e cada pequeno detalhe é importante para quem o retratou, pois se não fosse não estaria na mente. “Sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia[...]” Tuan (1983).

Qualquer forma de representação espacial é um meio de comunicação, um processo que leva ao desenvolvimento do raciocínio geográfico e “constitui uma atividade mental que conduz ao conhecimento do planeta que habitamos e do qual dependemos para sobreviver, e que teremos que habitar ainda por um longo tempo.” (COSTA; LIMA (2012) *apud* OLIVEIRA). Então se faz necessário a utilização de mapas para as aulas de geografia, para que os alunos possam ter essa noção de espaço vivido, como também saber os limites que se formam sobre o território. Mas a percepção de Lugar, essa sim, faz com que o professor tenha um compromisso ainda maior com os alunos, para que estes se reconheçam como pertencentes ao meio e a sociedade.

Figura 3- Mapa mental produzido pelo aluno 2 do 6º ano B



Fonte: Dados da pesquisa

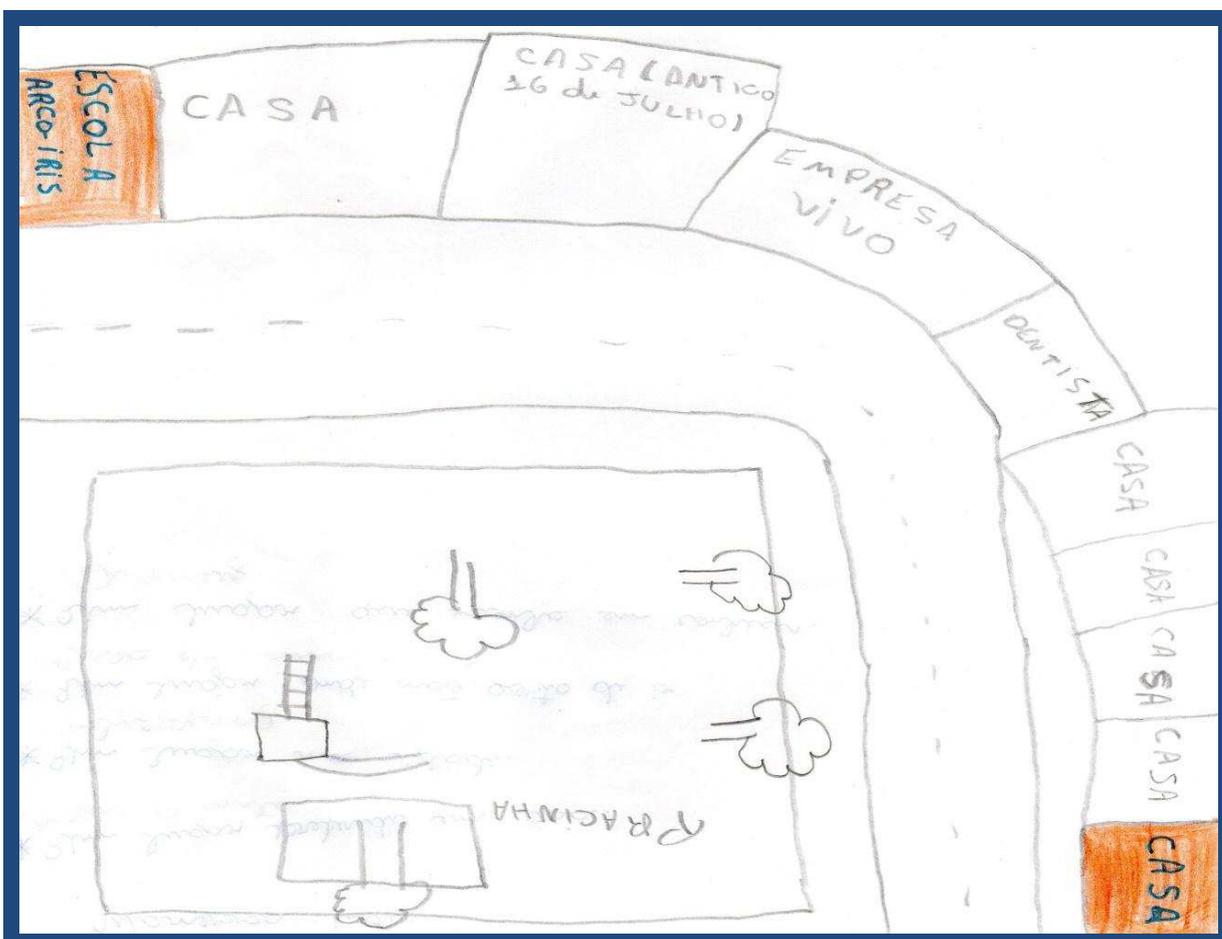
Prosseguindo nas leituras dos mapas mentais, vem a imagem 5 do aluno 4 (6ºB), ela destaca no seu mapa a paisagem natural de uma praça que fica entre a escola e sua casa quando ela faz esse percurso, indica uma empresa de telefonia e um antigo colégio “16 de julho”. O percurso que a aluna faz é bem curto e ao falar com ela sobre seu mapa ela comentou “que não tinha muitas coisas para colocar já que mora muito perto da escola”.

Tuan na sua obra Espaço e Lugar menciona:

A habilidade cartográfica, que pressupõe talento de abstrair e simbolizar, é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. A ocasião mais comum de seu uso é quando é necessário transmitir eficientemente conhecimento geográfico a outra pessoa, e como a linguagem verbal mais se presta a narrar eventos do que para descrever relações espaciais simultâneas, os mapas são adotados.

Então, entende-se que cada ser humano tem habilidades cartográficas e registros de memórias diferentes, mas se faz necessário utilizá-la para nosso deslocamento e de ir e vir, sendo esse mapa repleto de simbologias que nos vincula ao lugar.

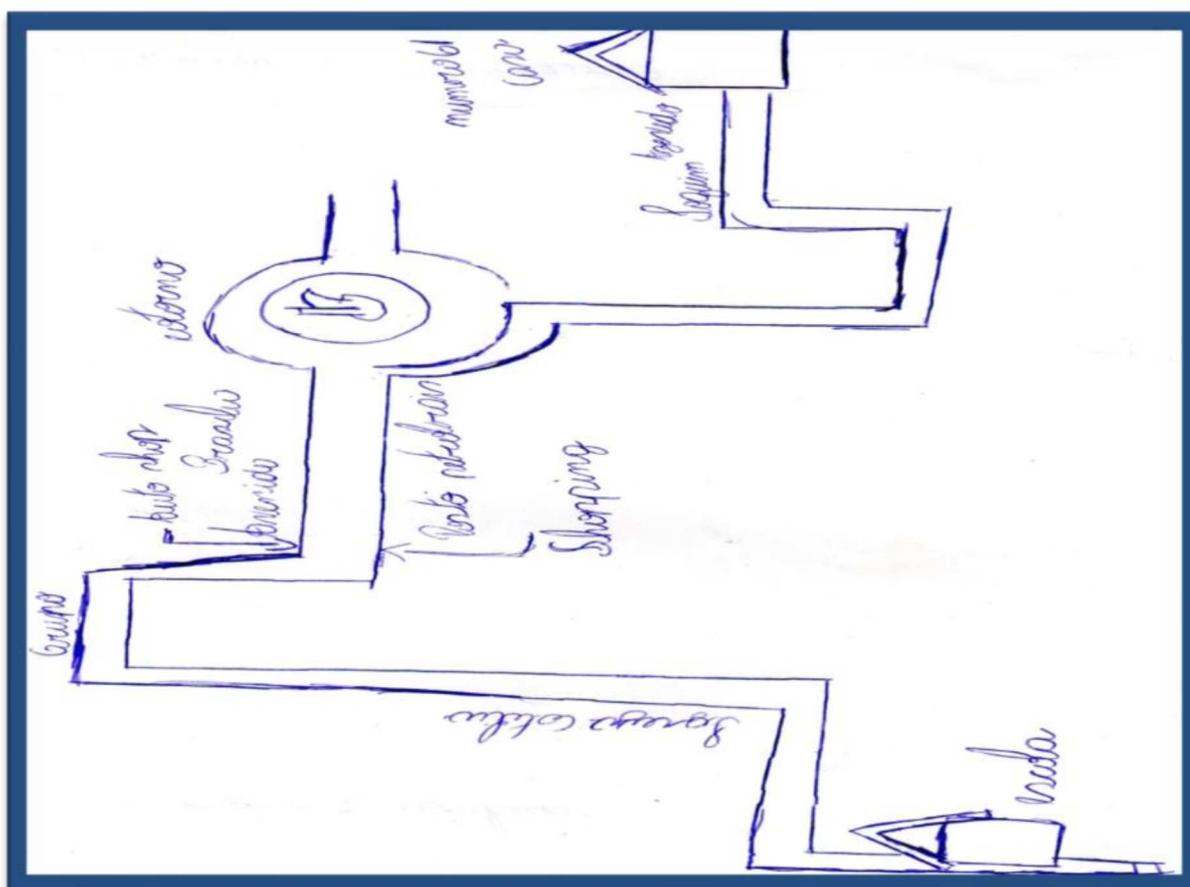
Figura 5- Mapa mental produzido pelo aluno 4 do 6º ano B



Fonte: Dados da pesquisa

O mapa mental (figura 6) aluno 5 (6ºA), retrata uma realidade diferente pois o aluno reside um bairro mais distante da escola. Nele vemos a paisagem concreta sem árvores, e com alguns elementos diferentes apresentados até então, como o giradouro, o shopping, um posto de gasolina, igreja ele também destaca o nome de duas ruas, uma bem conhecida na cidade (Avenida Brasília) e a outra a da casa dele (Joaquim Azevedo). A percepção de espaço do aluno é diferenciada dos demais alunos, certamente pelo fato do aluno ter um deslocamento maior, sendo preciso gravar simbologias e dados mais relevantes, como o endereço da sua casa e da escola.

Figura 6- Mapa mental produzido pelo aluno 5 do 6º ano A



Fonte: Dados da pesquisa

Na percepção do mapa (figura7) aluno 6 (6ºA), a sua casa e a escola estão em destaque maiores que os poucos outros elementos que o mesmo colocou no seu mapa. Os símbolos que ele usou no mapa estão presentes na vivência da aluna, como a igreja, a praça, com destaque para uma frase inserida no mapa “o homem que faz pinturas” são elementos que estão em sua vivência, ele se sente parte do meio, da sociedade. O interessante é que ele

colocou uma legenda destacando o seu percurso até a escola, vê-se que o aluno tem percepção mais apurada sobre mapas.

Nesse sentido, Malanski *apud* Kozel (2007), mostra que “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências”.

Figura 7- Mapa mental produzido pelo aluno 6 do 6º ano A



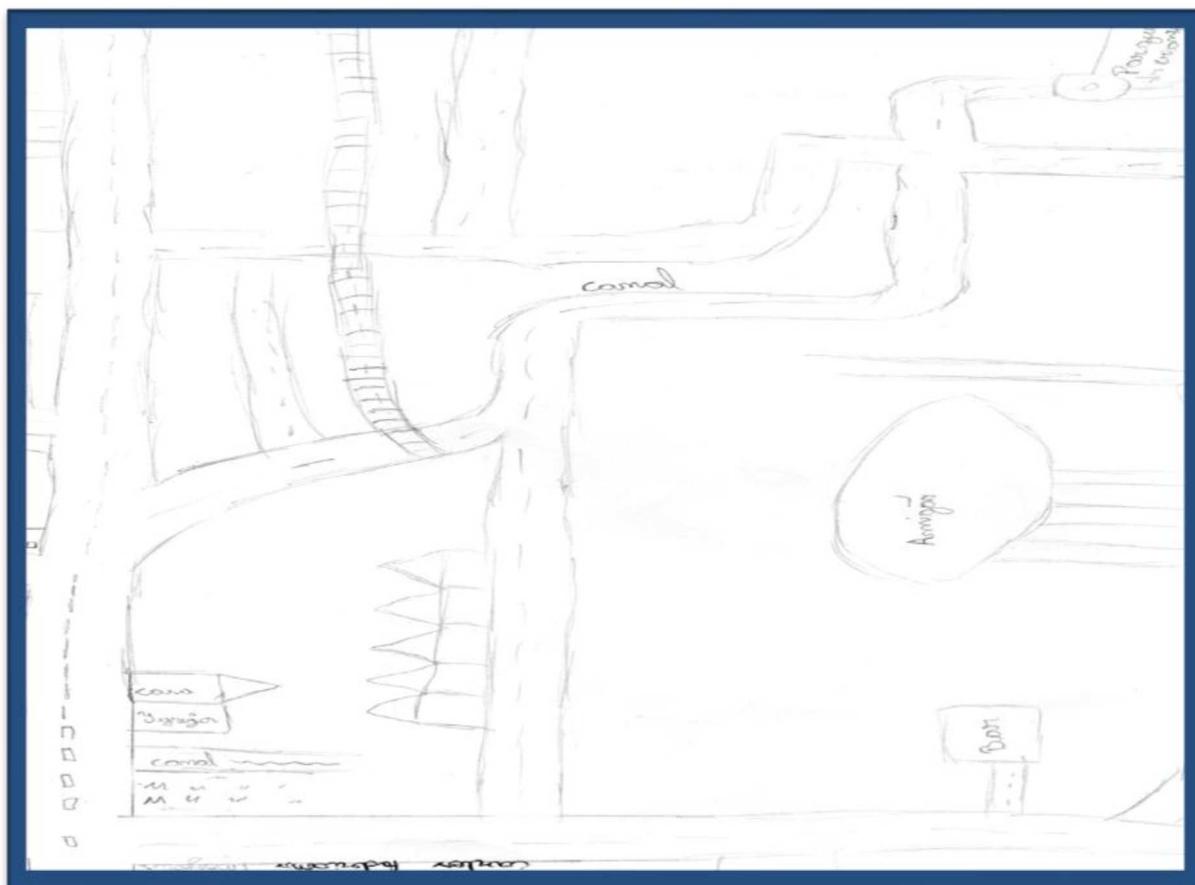
Fonte: Dados da pesquisa

A complexidade de símbolos no mapa (figura 8) aluno 7 (6ºA), chama a atenção pois ele relatou “que não queria fazer o mapa pois visto que morava distante da escola”, mas após dialogar com o aluno sobre a importância da atividade o mesmo representou seu mapa mental da seguinte maneira: falta de elementos coloridos, fazendo o uso apenas de lápis grafite, destacando as vias públicas que fez o deslocamento, simbolizando a complexidade do urbano. O símbolo mais representativo é o Estádio de Futebol O Amigão, sinaliza durante seu trajeto O Parque da Criança, canal de escoamento de água fluvial, além de alguns estabelecimentos comerciais como: motel, posto de gasolina, igreja, açougue, bar, oficina.

O aluno 7 destaca também um ícone representando os resíduos sólidos da cidade de Campina Grande, toda essa percepção vem o nível de visão e da particularidade sobre o espaço geográfico.

[...] o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência [...] (Tuan *apud* Hozel, 1990). Esse significado de lugar esta descrito nas imagens mapeadas dos alunos.

Figura 8- Mapa mental produzido pelo aluno 7 do 6º ano A



Fonte: Dados da pesquisa

Como em qualquer outro espaço urbano, as mutações aparecem mas as articulações e fragmentações aparecem como uma forma de permanente na organização do espaço. Ferreira *apud* Corrêa (1993) afirma:

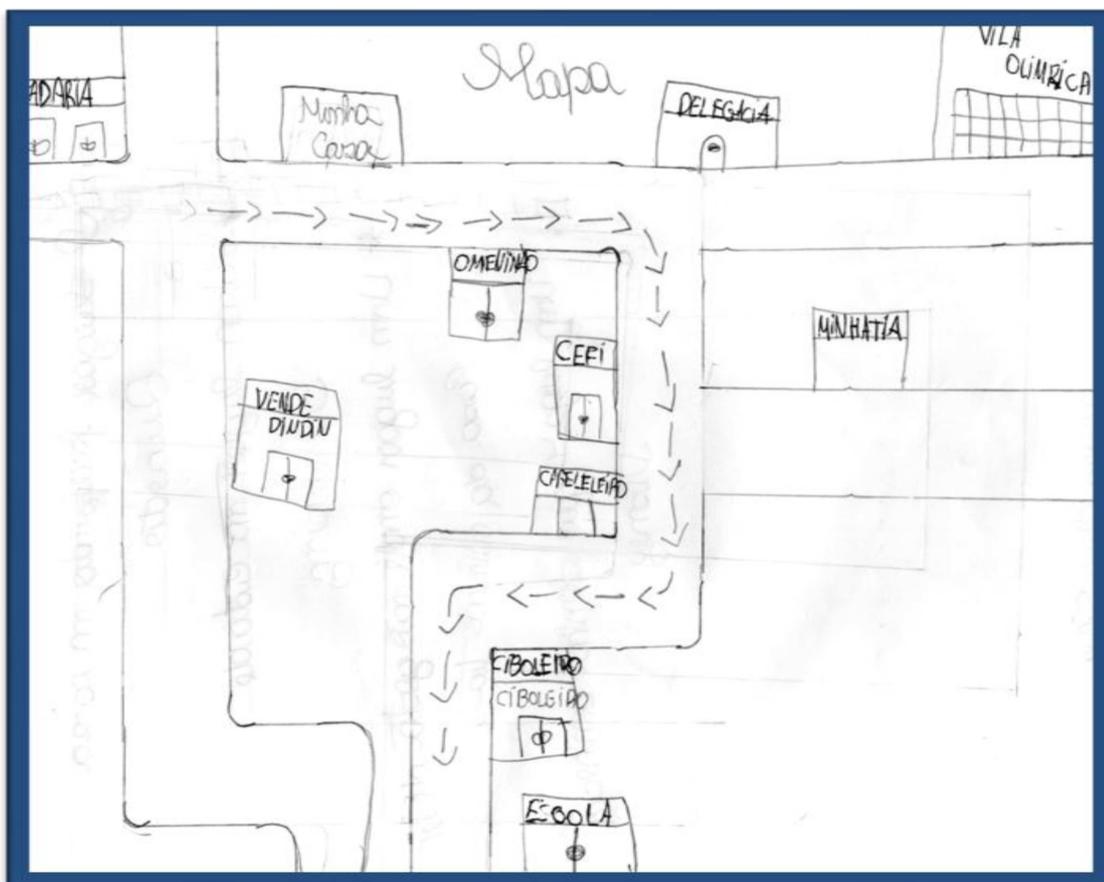
O espaço urbano capitalista-fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheios de símbolos e campos de lutas- é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas, por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não de um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação desses agentes é complexas, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, de conflitos de classes que dela emergem.

Finalizando com o mapa (figura 9) aluno 8 (6ºA), os ícones colocados por ela simboliza ainda mais a afetividade com o local, ela desenhou locais não são próximos da percurso que o aluno faz mas tem uma importância muito grande com as experiências vividas.

Os símbolos descritos são padaria, delegacia, vila olímpica, o ginásio o Meninão, CEFI (escola), cabelereiro, ceboleiro e um local onde vende dindim, casa da tia, todos esses símbolos representam uma afinidade íntima com o lugar.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (Tuan, 1983)

Figura 9- Mapa mental produzido pelo aluno 8 do 6º ano A



Fonte: Dados da pesquisa

Cada elemento desenhado faz parte do imaginário e da cultura de cada indivíduo. O potencial representativo gráfico de cada aluno é extremamente positivo na construção e representação do conceito de lugar, aqui apresentado.

4.2 Algumas reflexões – mapa mental/ lugar

O que se pode identificar com a pesquisa desenvolvida é que a forma que como o espaço é vivido e percebido altera conforme pessoas ou grupos culturais. Existiram muitos pontos em comum, mas outros nem tanto, porque as pessoas possuem órgãos similares, mas sensações e imaginações diferentes para representar seu lugar.

“A geografia tem papel fundamental para a formação de um cidadão crítico” (FERREIRA, 2014). O saber geográfico não é um mero aprendizado que se aprende e não vai mais ser utilizado, se faz necessário para se localizar, serve para a nossa vida, as nossas relações no espaço geográfico.

Através dessa atividade, o mapa mental permite a observação da percepção afetiva dos alunos com o lugar, fornecendo condições de expressão, através da linguagem gráfica, a transposição para o papel das informações captadas por eles, nos faz entender a individualidade de cada um.

O desenvolvimento do ensino tem que esta relacionada aos conceitos geográficos e conseqüentemente a linguagem cartográfica, entretanto é necessário os conhecimentos do cotidiano dos alunos para formar leitores críticos do espaço (LOPES e RICHTER, 2014).

Espera-se que a realização dessa pesquisa contribua ainda mais para o ensino da geografia, pois o mapa mental é um recurso didático que facilita o desenvolvimento da cartografia de forma mais simples, possibilitando uma articulação dos conteúdos, conceitos e o cotidiano dos alunos, tudo numa harmoniosa junção.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar está contextualizado na forma como o aluno o vê, espacialmente é uma das formas mais interativa de colocar as percepções dos alunos no papel, isso em forma de mapa mental, pois oferece diversas formas de analisar o mesmo lugar, mas com interpretações completamente diferentes.

A elaboração do ensino construído na vivência escolar deve estar baseado sempre no aprendizado dos saberes dos alunos, para que a geografia se torne mais significativa e valorizada por todos.

O mapa mental surge como um minimizador dos problemas enfrentados no ensino de geografia, como uma ferramenta que visa à diminuição da distância entre conteúdo aprendido em sala de aula com o mundo de percepção do aluno.

Os alunos que fizeram parte desta atividade de pesquisa tiveram facilidade de transpor os seus significados para o papel, porém observou-se um déficit sobre aprendizagem das noções cartográficas, pois os alunos não apresentam proporções sobre escala nos mapas mentais.

Com a realização dessa pesquisa esperamos contribuir para o ensino de Geografia a partir da utilização do mapa mental, um recurso didático que não possui os rigores dos produtos cartográficos convencionais, mas que possibilita uma articulação entre cotidiano, conteúdos, conceitos geográficos e saberes aprendidos pelos alunos.

Foi de fundamental importância a percepção das vivências do lugar de cada aluno, onde a memória facilitou a possibilidade de construção dos mapas mentais ferramenta importante para o desenvolver do estudo. Os resultados foram positivos, mas sabe-se que é importante usar essa ferramenta para o aprendizado do alunado.

Conclui-se então que a percepção do espaço não se desenvolve integrado com ensino de geografia na escola, necessitando assim de uma abordagem mais real, aliando o mapa mental á situação de aprendizagem do aluno, contribuindo e vivenciando assim para a percepção do espaço vivido, obtendo também a valorização do universo dos alunos. A geografia tem o poder de reconhecer em cada olhar um conhecimento específico para a construção de um ensino que acima de tudo valorize as diferenças no âmbito escolar.

THE USA OF ROUTE DRAWING DIDACTIC RESOURCE TO TEACH THE GEOGRAPHICAL THEME FOR PLACE ON THE 6th GRADE OF AN ELEMENTARY SCHOOL AT CAMPINA GRANDE-PARAIBA

ABSTRACT

This work seeks to present the spatial representation for the understanding of the geographical theme Place for the development of the spatial skills acquired by students of the initial grades of elementary school, aiming to help them to relate the Geography to the observed phenomena in their daily lives. In this perspective, the goal of this work is to present and discuss the use of Mind Maps on teaching the geographic theme Place to students of the 6th grade of the elementary school at Arco-Íris do Saber, Campina Grande – PB. This research is grounded in theoretical debates to understand how researchers analyze the use of mind maps and their relation with the Place. The methodology used in this work consisted of the application of (i) mind maps to identify the path traveled between the school and one's home in order to

recognize the symbols and (ii) surveys to better understand the mind maps. The achieved results were satisfactory as they show that this didactic resource was efficient when studying the Place as category of analysis. Students' perception and interpretation showed the thought organization and the capture of elements of the landscape as knowledge of the space in which they live. We concluded that the use of this didactic resource is necessary as the students use the common sense to build specific knowledge. Therefore, the use of mind maps when teaching Geography is useful as it is made from the observation of the reality.

Keywords: Mind Maps; Place; Didactic resource.

REFERÊNCIAS

- BRITO, V. **Retalhos de campina**, 2013, <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WhSGZkqnHIU> acesso em 22 de novembro de 2017.
- COSTA, R; LIMA, F. A. F. **A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.
- FERNANDES, M. O. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: a produção nas teses de Pós-Graduação em geografia de 2001-2011/ – 2013**.
- FERREIRA, K. F. C. **A percepção do lugar de vivência expressa através dos mapas mentais** [manuscrito]: experiência a partir do subprojeto geografia- PIBID/CAPES/UEPB/ Kalina Fernanda Cavalcante Ferreira. – 2014.
- KASHIWAGI, H. M. **A contribuição dos mapas mentais na identificação do patrimônio cultural de um lugar: subsídios às ações pedagógicas de educação patrimonial**. Disponível em : Acesso em 22/12/2015.
- LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. **Lugar e mapa mental: uma análise possível**. Geografia - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>, acesso em 20 de novembro de 2017.
- NETO, F. O. L.; DIAS, R. H. L. **Mapas mentais e a construção de um ensino de geografia significativo: algumas reflexões**. Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v1, n.1, p.1-12 jan/julho. 2011.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 125-130.
- PINA, P. P. G. N. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia/ Paula Priscila Gomes do Nascimento Pina**. – João Pessoa, 2009.
- RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579832277. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109202>>, acesso 15 de novembro de 2017.

RODRIGUES, K. **O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo.**
Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE. 2015

SILVA, E. S. **Importância do mapa mental na percepção espacial e no ensino de geografia** [manuscrito]: estudo de caso na Escola Dom Manuel Palmeira da Rocha, Esperança/PB. / Edilson dos Santos Silva. – 2013

TUAN, Y. 1930- **Espaço e lugar: perspectiva da experiência**/ Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira.- São Paulo : DIFEL, 1983. 1. Espaço – Percepção 2. Percepção geográfica 1. Título.

APÊNDICE**Universidade Estadual da Paraíba – UEPB**
Centro de Educação – CEDUC
Departamento de Geografia – DG
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

Questionário Integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduanda Francisca
Johanna Alves dos Santos

Nome (opcional): _____

1- Um lugar preferido em casa

2- Um lugar na cidade

3- Um lugar onde não gosta de ir

4- Um lugar que sonha em conhecer

Campina Grande/PB, _____ Outubro de 2017